

A SINGELA CONTINGÊNCIA DA ETERNIDADE

Luciano Bitencourt de Freitas Andrade

*"Sem a loucura que é o homem
Mais que a besta sadia,
Cadáver adiado que procria?",
Fernando Pessoa.*

A loja do Sr. lavé se espremia entre dois edifícios esguios e frondosos no centro da cidade, e não media mais do que 50 metros quadrados. Era um lugar minúsculo frente à gigantesca estrutura de concreto e aço que lhe rodeava. Um grão de areia na vastidão do universo. Aberta 24 horas por dia, sete dias por semana, era especialista em vender o vazio. Não me refiro necessariamente a embalagens sem conteúdo por si só, apesar de que, dependendo do ponto de vista, as embalagens eram vazias por si só, mas falo de caixas muito bem embaladas de forma especial para presente, onde o que se continha era o nada.

O Sr. lavé recebeu a loja do seu pai que, por sua vez, herdou do avô do Sr. lavé e assim em uma tal regressão que não se permitia saber qual a verdadeira idade do estabelecimento, não obstante suspeitava-se que a mesma coincidia com os 462 anos da cidade de São Paulo – embora alguns historiadores dessem como certo que a loja peregrinou de Portugal para as terras tupiniquins, outros afirmassem sua origem anterior a formação do Império Otomano, além daqueles que alegavam ter registros históricos que remetiam à invasão muçulmana na Península Ibérica, e ainda os que se apegavam aos resquícios arqueológicos de Alexandria e da Grécia clássica como fontes de evidência que a loja já existia na Antiguidade.

O que se sabia atualmente, e isso era inegável, é que não havia mercadoria comparável ao vazio. Quatro equipes, com duas pessoas cada uma, se revezavam diariamente cumprindo cada qual um turno de 6 horas trabalhadas. Adão, Messias, Aristóteles e Paulo, eram os vendedores. Salomão, Messalina, Judas e Lux Fero, cuidavam do caixa. Incrível, deve-se ressaltar, era a disposição do Sr. lavé que se ausentava apenas uma hora em cada turno para cuidar de se alimentar, da higiene pessoal, dos afazeres domésticos e da vida burocrática como um todo (sem contar a sagrada soneca). De resto, estava sempre a gerenciar o seu ilustre comércio.

A loja, que ostentava na parede um quadro com a afirmação de Eclesiastes “Nada há de novo sob o sol”, nunca deixou de vender por um minuto se quer um pacote de vazio. A embalagem da mercadoria poderia figurar em diversos formatos geométricos, desde o círculo, o quadrado ou o triangular, até o tetraedro, hexaedro, octaedro, dodecaedro ou icosaedro, ou tão somente os cinco sólidos regulares.

Por lá, passavam todo tipo de gente: empresários, estudantes, artistas, jogadores de futebol, traficantes, prostitutas, políticos, motoristas, professores, operários, poetas, artesãos, juristas, policiais, donas-de-casa, assaltantes, filósofos, empregadas domésticas, viciados em drogas, portadores de deficiência e até pessoas em estado terminal. Madames compravam o vazio para os seus cães, intelectuais para os seus

gatos. Líderes espirituais lotavam caminhões com a encomenda tendo em vista preencher o buraco negro de seus fiéis. Alguns levavam apenas um pacote de vazio, outros dois, e tinha ainda aqueles fregueses assíduos e especiais como os pedófilos que compravam dezenas de unidades para distribuir no Dia das Crianças.

Aliás, em datas comemorativas, a exemplo do Natal, uma longa fila se formava em frente ao estabelecimento. No Dia dos Namorados, casais hétero e homossexuais, sejam de duas, três ou mais pessoas, se acotovelavam para garantir a sua caixa de vazio. Houve tempos em que a polícia teve que ser chamada pois cogitou-se a falta do produto para todos os clientes no que acabou sendo registrado afrontas que terminaram na troca de socos e ponta pés.

Certa vez um advogado, ao chegar em casa e abrir a sua caixa, diz ter se deparado com um naco de esperança em contrapartida ao nada adquirido. Não houve acordo no tribunal de pequenas causas e a loja do Sr. lavé foi processada, mas se safou da acusação porque foi comprovado por uma questão causal não haver motivos para alguém que vende exclusivamente o vazio colocar em risco o seu negócio comercializando sonhos. Em outra oportunidade, alguns espertinhos tentaram plagiar a mercadoria do Sr. lavé e ameaçaram uma concorrência. Contudo, deram com os burros n'água, uma vez que nem mesmo a mais sofisticada tecnologia foi capaz de reproduzir com tamanha precisão um vazio tão esplêndido como aquele fabricado naquele diminuto estabelecimento. “É uma questão de tradição”, dizia o Sr. lavé com o peito estufado e se vangloriando por deter as técnicas de manejo do contínuo e do potencial.

Inclusive, os infortúnios sempre foram algo natural na história daquela quântica atividade. Assim, pode-se entender a sabotagem que ocorreu no ano zero quando acusaram o Sr. lavé de ser hebreu e explodiram a porta da loja. A liberação descontrolada de energia foi tão forte que se associou o episódio ao Big Bang.

O estrago foi geral, mas mesmo assim o Sr. lavé não se intimidou e tratou de reformar a fachada concomitante à expansão incólume de vendas do vazio. Ou seja, ele estava além da corrupção e geração do plano sublunar. Por isso, coube-lhe como necessário apenas retirar por um instante a placa luminosa que trazia em letras góticas o nome do seu promissor negócio. Ou melhor, somente por alguns milionésimos de segundos, ou por tempo negativo, pois na velocidade da luz a placa foi restaurada e sua instalação contou instantaneamente com o aplauso e o choro emocionado de milhares de clientes.

Em prantos, todos os elementos circundantes, em destaque os moradores de rua que traziam consigo as moedas adquiridas na Catedral da Sé e no Teatro Municipal, se extasiavam de maneira primordial ao som de “A Criação”, de Joseph Haydn, interpretada pela Orquestrada do Estado de São Paulo e pelo Coral Mário de Andrade, ao passo que saudavam com veemência o letreiro que ostentava de forma clara, iluminada e impiedosa, a breve descrição: O Infinito Presentes.

Como é de praxe, a imprensa compareceu em peso no evento e coletou os mais controversos depoimentos. Enquanto alguns vizinhos submersos em total plangência reclamavam que aquele ato era simplesmente o fim do mundo, outros mais empolgados vestiam a camiseta com os dizeres “ $n + 1$, o vazio é nosso!” e acreditavam que tudo não passava de um genuíno e eterno recomeço.

Luciano Bitencourt de Freitas Andrade